

Acerca do olhar do outro, ou sobre “tratadores” e animais em cativeiro - Por uma etnografia no “zoo” em contexto urbano (Belém - PA)¹

About the perspective of the other, or about the “caretakers” and captive animals. In favor of ethnography at the “zoo” in an urban context (Belém - PA)

Flávio Leonel Abreu da Silveira*¹
Matheus Henrique Pereira da Silva*²

Palavras-chave

Socialidades;
Tratadores;
Animais;
Trocas de olhares;
Práticas de cuidado.

Resumo: O artigo propõe uma discussão sobre as socialidades produzidas no Bosque Rodrigues Alves, na cidade de Belém (PA), a partir das relações interespecíficas experienciadas por profissionais nomeados “tratadores” e os não-humanos (animais em cativeiro), investigando as interações efetuadas naquela paisagem urbana. A questão do olhar, mais especificamente da troca de olhares entre ambos, conduz-nos a reflexões que apontam para o deslocamento da perspectiva e das atitudes em relação aos não-humanos, considerando as suas agências. Nestes termos, busca-se, mediante o acompanhamento dos jogos de aproximações e de distanciamentos diários dos humanos (tratadores), em seus itinerários pelo zoo, observar as práticas de cuidado e conservação da fauna que compõem as relações com o acervo de espécies em cativeiro.

1 Artigo concebido a partir do Projeto de Bolsa de Produtividade do CNPq intitulado “Estudo antropológico das interações de humanos com os não-humanos no Bosque Rodrigues Alves, na cidade de Belém (PA). Paisagens de evasão, conservação da biodiversidade e imaginário urbano. Recebido em 10/03/2015 e aceito para publicação em: 22/08/2015.

*¹ Professor adjunto da Universidade Federal do Pará (UFPA) e docente dos Programas de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia/PPGSA e do Programa de Pós-Graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia/PPGLS. Email: flabreu@ufpa.br.

*² Estudante da Universidade Federal do Pará (UFPA), graduando em Ciências Sociais. Bolsista PIBIC. Email: matheusk11@hotmail.com

Keywords: Socialization; Caretakers; Animals; Perspective; Care practices.

Abstract: *This article proposes a discussion about the socialization carried out in the Bosque Rodrigo Alves, in the town of Belém (PA) from interspecific relations experienced by professionals appointed "caretakers" and the non-humans (animals in captivity), investigating the interactions performed in urban landscape. In relation to perspective, more specifically in the interaction between both, makes us reflect about other perspectives and attitudes in relation to non-humans, considering its agencies. In these terms, the article aims, through the monitoring of approach games and daily distances of humans (caretakers) in their itineraries by the zoo, observe care practices and conservation of wild fauna that compose the suite of species in captivity.*

À guisa de introdução

Neste artigo, propomo-nos a refletir sobre as relações entre humanos e não-humanos no espaço circunscrito do Bosque Rodrigues Alves, localizado na cidade de Belém (PA). Trata-se de uma área verde urbana com cerca de 15 hectares, cuja presença no corpo da metrópole amazônica evoca constantemente as complexas imagens relativas ao entrelaçamento entre natureza e sociedade (*natureculture*)², neste caso, presentificadas no jardim histórico erigido no período da *Belle Époque* paraense (final do século XIX e início do XX), constituindo-se em espaço propício às sociabilidades na urbe há longa data, o que é significativo para as dinâmicas do imaginário urbano belenense.

Os sujeitos que configuram as paisagens do "Bosque", diante da heterogeneidade própria ao *continnum natureculture* presente naquele contexto, estabelecem/configuram distintas relações ecoantropológicas nas quais se encontram implicados humanos e não-humanos (a fauna e a flora local, bem como as edificações de importância histórica), conformando paisagens detentoras de um caráter híbrido, biocultural. Nestes termos, mediante a pluralidade dos seus engajamentos, a dinâmica das formas sociais (SIMMEL, 1993) emerge com ordenações complexas, variando de acordo com os respectivos projetos vividos na metrópole pelos que a praticam cotidianamente. Tais complexidades devem ser consideradas, ainda, pela presença dos não-humanos vivos nessas paisagens de interações.

Os processos envolvidos nas relações interespecíficas que ocorrem no "Bosque", as formas de sociação entre humanos com não-humanos, colocam o desafio de ultrapassarmos as fronteiras disciplinares para o estabelecimento de

2 Interessa-nos no presente artigo problematizar ainda a histórica (e moderna) separação entre natureza e cultura, concebida em esferas autônomas e polarizadas, bem como a questão dos "humanos" e seus "outros" (não-humanos), no amplo processo de "purificação" característico de nossa Modernidade (LATOURETTE, 2011).

um conhecimento *da* cidade (SILVA, 2009), de maneira a resituá-lo na dinâmica de socialidades existentes *na* cidade, quando os agentes apontam as transformações possíveis ocorridas nas relações *com* as paisagens em pleno contexto urbano amazônico, diante da diversidade de engajamentos presentes nelas. A questão pode ser pensada a partir da perspectiva de uma *socialidade relacional* (INGOLD, 2000), quando se pondera sobre as possibilidades de desenvolvimento dos organismos em experiências multissensoriais no ambiente, através do envolvimento oriundo das práticas efetuadas dos agentes humanos e não-humanos, consideradas na organização das tarefas ordinárias dos sujeitos humanos que permitem uma rotina de encontros e tramas nas paisagens do Bosque.

O nosso interesse neste artigo se volta aos espaços que constituem os lugares praticados (CERTEAU, 1994) do pequeno zoo existente no interior do Bosque, os quais são caracterizados por relações de convívio entre profissionais trabalhadores, os visitantes e a rica biodiversidade local de vida livre e em cativeiro. Todavia, se, como aponta laconicamente John Berger (2009), o zoo é o local onde se daria o desencontro entre o animal e o humano, pensamos que quando se trata dos profissionais nomeados de “tratadores”, que são responsáveis pelas atividades de cuidados cotidianos dos animais em cativeiro, envolvendo-se em diversos agenciamentos sociotécnicos que operam sob o objetivo de estabelecer condições propícias para a continuidade da vida nos recintos, neste caso, sob a ótica do bem-estar animal, teríamos formas complexas de encontros.

As práticas de sentido estabelecidas em rede (LATOURETTE, 2011), mais especificamente nas relações compostas por tratadores e animais, requerem tanto a atenção quanto a intuição da parte do pesquisador que se debruça sobre o tema, a fim de se deixar afetar pela experiência de interação humana e não-humana no cotidiano do zoo. Diante de formas de socição interespecíficas, há necessidade de deslocamentos epistemológicos de caráter teórico-metodológico visando à experimentação de troca de olhares – num sentido prático, como ficará mais claro adiante – e de perspectivas que evitem a virtual conversão do “outro”, a pluralidade de viventes (DERRIDA, 2002), em uma unidade abstrata e generalista, ou mesmo, exclusões remissivas às séries “natural” e “cultural”. Ora, a partir de uma ontologia moderna que, em parte, vincula a imagem animal à extensão de certas características e atributos humanos, tem-se o entendimento do animal (e da natureza) como algo a ser inferiorizado pela cultura, porque dado, recortado de seu contexto, e, por isso, pronto para ser tomado como substrato, quiçá domesticado (THOMAS, 2009). Como corolários, escondem-se as assimetrias oriundas de fluxos centralizados na condição de humanidade e, por consequência, reifica-se a questão de seus relativos graus (INGOLD, 1995). Existiriam, desta forma, não-humanos, assim como humanidades inferiores dentro de uma lógica hiperantropomórfica e/ou etnocêntrica.

Os animais conectados ao mundo humano têm a possibilidade de ampliação da experiência de vida e de habilidades (LASHER, 1998), como é o caso no espaço de conservação do “Bosque”, estabelecendo relações de sentido e formas simbólico-afetivas em que se processam um “campo de possibilidades” para se pensar a economia da alteridade, configurada pela construção de

intersubjetividades, neste caso, entre os tratadores e os animais em cativeiro, principalmente em suas convivências cotidianas que envolvem olhares, afetos, cuidados e tensões enquanto fluxos diversos de interação e de coexistência.

O "Bosque" abriga populações diversas de seres vivos de vida semi-livre distribuídas em fluxos e sentidos desiguais àqueles em cativeiro, cuja presença, por certo, afeta as interações que ocorrem entre os tratadores e os animais em seus recintos, como é o caso dos micos-de-cheiro e das cotias, que seguidamente concorrem pelos alimentos oferecidos aos animais cativos; ou as jiboias que devoram os filhotes das marrecas-caboclas, por exemplo. O jogo entre equilíbrio e desequilíbrio é pontuado conjuntamente a outros fatores que tornam possíveis, acentuam e impactam as socialidades fabricadas entre humanos e não-humanos, ao longo da rede que nos propomos a cotejar e descrever através da prática etnográfica de tais conformações relacionais. Ou seja, pelo que percebemos, as atividades diárias num zoo são sempre abertas a imponderáveis, com o surgimento de situações-problemas novas a serem decididas solitariamente ou conjuntamente. Existe sempre a necessidade de considerar o imprevisível, uma vez que os profissionais lidam com formas vivas e dinâmicas.

No que se refere às práticas dos tratadores que atuam no "Bosque" buscamos codificar as suas vivências visualmente sob a forma de imagens-textos (ROCHA, 1995), a fim de constituir narrativas etnográficas que possibilitem a dialogia entre imagens e textos, as quais estão aliadas ao acervo de entrevistas gravadas que contém as suas narrativas, obtidas no decorrer de suas rotinas de trabalho em diferentes espaços percorridos por eles juntamente com os pesquisadores, constituindo, assim, os materiais etnográficos interpretados neste artigo.

Dessa maneira, buscamos entender aspectos relativos à manutenção das formas sociais produzidas nas relações interespecíficas, a partir da observação e do acompanhamento dos tratadores no exercício de sua labuta, em outras palavras, nos dispomos a segui-los em seus itinerários, deambulando com eles em suas circulações pelo "Bosque", tentando compreender as suas estratégias de relação cotidianas ante as táticas animais, bem como as suas tomadas de decisões, processos que serão descritos a seguir.

Seguindo os tratadores pelos espaços do Bosque

A etnografia realizada no contexto do Bosque Rodrigues Alves, no que se refere às relações interespecíficas de tratadores e animais em cativeiro, incluiu, além da observação participante e a manutenção de um diário de campo, o registro fotográfico das práticas e o acompanhamento através de caminhadas efetuadas com os tratadores nas localidades do interior do "Bosque".

Ao longo do trabalho de campo alguns momentos foram determinantes para o exercício etnográfico, principalmente os encontros rotineiros com os profissionais pela manhã e parte da tarde, imprescindíveis para a realização da pesquisa versando o cotidiano de trabalho em meio urbano (VELHO, 1994), no qual os tratadores experimentam outras espacialidades, deslocando-se por recintos em meio a animais de diferentes espécies. Portanto os denominados "outros", os coletivos não-humanos, provocam, diante de suas agências, formas

distintas de socialidades operacionalizadas nas sensibilidades humanas envolvidas, neste caso no olhar e no cuidado, uma vez que as distintas posições ocupadas pelos tratadores nos recintos remetem a possibilidades de contato e observação, implicados no envolvimento com elementos materiais diferenciados (gradeados e cercas de ferro, poleiros de madeira, tanques de concreto, a flora, entre outros, conforme a espécie animal em questão) que configuram certos dispositivos do zoológico enquanto *mise en scène*, ao mesmo tempo em que operam na construção da identidade coletiva do animal "selvagem"³ (MARVIN, 2008). Este contexto espetacularizado indica, ainda, a existência de negociações no espaço deambulado pelos visitantes quanto à presença de tais dispositivos, uma vez que traçam os limites do visível, definindo até certo ponto as interações que ali ocorrem.

Foto 1 - Gaiola de periquitos Jandaias.



Fonte: Acervo Matheus Silva (2014).

O zoo permite a observação rotineira dos animais em cativeiro devido ao posicionamento dos recintos em nível mais alto, ou pelo destaque de sua localização no cenário, como é o caso do lago do peixe-boi e o das tartarugas, que estão situados sob um desnível no solo, ambos próximos a pontes com um grau de elevação que propicia a ampliação do campo visual, importante para os tratadores e o público: nas ações de tratar para os primeiros, e de ver⁴ e fotografar os animais para os segundos, de acordo com as motivações que orientam o olhar lançado ao "outro".

Em meio ao complexo quadro de relações ecológicas, nota-se que "seguir os rastros" dos tratadores possibilitou-nos observar, em suas práticas cotidianas

³ Conforme Marvin (2008) as configurações espaciais e arquitetônicas que constituem o dispositivo do zoológico na criação da representação coletiva do animal "selvagem" em oposição ao "doméstico", se efetivam através da teatralização que envolve o "espectador" (humano) e os "atores" (animais), organizando-se no complexo distanciamento relativo ao ato de "guardar" o animal sob as dependências e proteções do homem, visto que ainda no zoológico o animal está impossibilitado de partir e está sob observação constante.

⁴ Estebanez (2008) apresenta como características dos zoológicos modernos a possibilidade de "ver todo o conteúdo" do espaço delimitado (os animais na paisagem em questão) e a espacialidade enquanto uma miniatura essencialmente "exótica" do mundo. A noção de exotismo estaria, assim, marcada pelas relações de poder inerentes ao olhar historicamente situado do colonizador na construção da alteridade.

de labuta, a ordenação de seus afazeres e uma série de configurações e cenários de interações, vinculados à presença de agências interespecíficas nas espacialidades do pequeno zoológico, situado no Jardim Botânico da Amazônia, como é também denominado o Bosque Rodrigues Alves.

Atentamos, ainda, para a complexidade de tramas envolvendo afetos e acidentes no cotidiano dos tratadores, a partir das negociações que envolvem os contatos e distanciamentos relacionados aos animais, seja na higienização, alimentação ou tratos de enfermidades, conferindo ao tratador um acesso privilegiado ao animal. A importância do gesto de "tocar" apresenta um possível estreitamento dos vínculos afetivos, ou uma relação especial com os animais (ESTEBANEZ, 2010). Numa situação na alimentação matutina, o tratador Gelson realizava carícias ao levar uma banana até a boca de um macaco prego, cena em que o animal se apresentou mais calmo, visto que anteriormente à presença antrópica e à alimentação, os quatro macacos gritavam e moviam-se por toda a gaiola, apresentando uma intensa agitação. O gesto conferido por Gelson alude a um "certo modo" de tocar o animal (ESTEBANEZ, 2010) propício a uma negociação de sentido para a realização de sua tarefa. Ao recordar um peixe pirarucu, que veio a óbito, Gelson disse "(...) Aí, até hoje a gente lembra dele porque a gente se apegou no animal (...)" [14/09/2014]. O "apego", constituído na frequente interação com o animal, é permeado por ambiguidades, podendo afetar a gestão de tratos e cuidados.

Durante uma caminhada com o tratador Moisés, conversamos sobre a "faca de dois gumes" que envolve o relacionamento de proximidade com o animal. Segundo ele, é preciso considerar os aspectos danosos relativos ao "costume" do animal com a presença de um tratador em especial, ou com humanos, quando ele é oriundo de situações de abandono ou doações. Moisés narrou a história de uma arara vermelha doada, que teve sérios problemas de adaptação à vida em cativeiro e à rotina no recinto, ocasionando rejeição à comida. Mesmo após o acompanhamento de veterinários fez-se necessário o contato com o antigo dono. Em relação ao vínculo do animal com o tratador, Moisés citou fatores que contribuem para a ambivalência nas relações "íntimas" com os animais:

Existem dois fatores predominantes pra isso, o primeiro é... Que quando o animal não se apega a alguém, ele teme, então, quando ele temer, ele geralmente não ataca! Então isso dá uma segurança para o tratador porque quando o animal se acostuma com a pessoa ele cria confiança até mesmo para se gerar um ataque. Outro fator que a gente leva em consideração é o fato de que hoje você está no, no, no local de trabalho e amanhã você pode não estar. [15/10/2014].

A atribuição de sentimentos e de cuidados pelos humanos aos animais possibilita ao tratador situar-se no recinto e se posicionar em relação ao contato com o animal. Neste caso, os animais dispostos em recintos fechados (gaiolas) ou abertos (amplos cercados onde coabitam diferentes espécies da fauna amazônica) possuem suas atividades limitadas, ou mesmo, ampliadas no processo de interação simbólico-prática com o tratador e o ambiente compartilhado em alguns momentos por eles. Portanto, deve ficar claro que diariamente os seus recintos são higienizados pelos profissionais, recebendo,

ainda, a alimentação de acordo com o regime estabelecido em sua dieta balanceada. Paralelamente a tais práticas de manutenção da vida em cativeiro, os animais são visitados por outros profissionais (biólogos e médicos veterinários) a encargo do trabalho em conjunto com os agentes envolvidos no processo de cuidado.

Destaca-se aqui, que a manutenção do equilíbrio dos fluxos de matéria (nutrientes, troca de água, higiene, uso de medicamentos, entre outros) e relações simbólico-práticas (observação do comportamento, cuidados, tratamentos dispensados, afetos, entre outros) constituem os componentes de interação dos distintos mundos articulados nas socialidades efetuadas durante os encontros e desencontros entre tratadores e animais. Tais momentos são pontuados pelas trocas de olhares que marcam a experiência compartilhada. Em suas rondas rotineiras no circuito do jardim botânico, os profissionais "visitam" os recintos a partir de diferentes propósitos e perspectivas de relação com os não-humanos, envolvendo, por certo, visões de mundo, sensibilidades e perspectivas profissionais distintas.

Limpeza dos recintos: bem-estar e interação

Entre as práticas de conservação da vida selvagem em cativeiro presentes no zoo, identificamos em primeira instância aspectos referentes à visita diária do tratador visando à limpeza e à higienização dos recintos. O período de interação humano/não-humano envolve certo pragmatismo nos atos e extrema atenção, pois quando o tratador se posiciona e age na espacialidade do lugar, tal prática se estabelece através da troca de olhares com o animal que nele habita – ou seja, trata-se do seu território, de seu nicho espacial. Sendo assim, faz-se necessário estabelecer coordenadas de atuação que possibilitem as agências humanas diante das agências não-humanas em jogo na socição.

Há, portanto, possibilidades de interações. Delineia-se um campo de dialogia interespecífico sutil entre humanos e não-humanos – por vezes, há mais de um animal no recinto – pautado por signos visuais, sonoros e gestuais, que permitem leituras recíprocas das ações que ocorrem no contato, especialmente quando se pensa no jogo de proximidade e distância, onde alteridades se revelam, não raro, com certa tensão. Tais interações estão baseadas nas projeções simbólicas e nos atributos de características humanas, revelando (as) simetrias nos perceptos e afetos (FAVRET-SAADA, 2005; DELEUZE & GUATTARI, 1997) que compõem a intersubjetividade humanos/não-humanos.

Nesse caso destacamos, sobretudo, sentimentos descritos pelos tratadores como "a confiança" estabelecida entre humanos e não-humanos, uma das possibilidades de relação que desloca o limite e a efetividade das formas de interação entre as esferas de natureza e cultura, produzindo socições interespecíficas. No diálogo com as "culturas animais", especialmente a partir da fala do tratador Paulo Vítor, fica claro, entre outras condições referentes à familiaridade e à proximidade com o animal, o fato de que a proximidade com público opera enquanto agente de transformação ecológica nas formas de socialidade realizadas no recinto:

Quando a gente entra, a gente primeiro olha. Vê se é o animal primeiro, vê se ele não tá com ponto de ataque né, e olha, e entra tranquilamente, e vai limpando lentamente, que aí ele vai perceber. A comida você não pode fazer muito barulho. Visitante não pode fazer muito barulho quando a gente tá dentro do recinto, que é pra ele não morder a gente. Ainda tem isso também.

Têm, no caso, esses horários estratégicos pra determinado animal, quando não tem muita gente no recinto. Aí vocês vão lá.

Exatamente, porque se tiver muito (...) tanto de gente dentro do nas laterais do recinto, o quê que acontece, a vítima pode ser nós, entendeu? Morde nós lá dentro. A gente evita o máximo possível num horário assim intermediário. (...). Se entra um no viveiro com um fluxo de gente muito grande, muito agito, automaticamente o bicho já fica agressivo. Pode ser a vítima, pode ser eu lá dentro: ele me morder. Tem que ficar total silêncio, total sigilo lá dentro, pra não acontecer nenhuma coisa grave! (...) Uma confiança, aí vai ficar normal (...) Tem, por exemplo, aqui a arara azul. Elas são muito delicadas, a arara azul. Muito. (...) tem esses bichos assim que são muito carinhoso, entendeu, com a gente. (...) então são essas coisas... [16/10/2014].

A agressividade animal (portanto, o seu grau de periculosidade) e a sua sensação do medo, segundo o tratador Gelson, se relacionam com a experiência constante de estranhamento, porque é relativa à proximidade e à familiaridade do animal diante das agências humanas no seu lugar praticado, como é o caso da presença cotidiana do tratador, mas que podem ainda estar associadas à presença do público – ou do etnógrafo –, ao clima, ao tipo de recinto, entre outros fatores, compondo uma experiência multissensorial (INGOLD, 2000) que torna possível as relações interespecíficas.

Deste modo, o denominado *animal welfare* parece-nos tanto um campo de reflexão voltado às melhorias na qualidade de vida dos animais quanto um conjunto de práticas relacionadas às interações simbólico-práticas manifestas em seus aspectos físicos, mentais e comportamentais (DAWKINS, 2004) que, para o caso dos zoológicos, atentam para as limitações que imputam certos dispositivos, tornando os recintos prejudiciais à vida. O acréscimo de elementos que diversifiquem e qualifiquem a existência no cativeiro, ao possibilitarem respostas dos animais, contribuem para a percepção de certos padrões comportamentais e imagens que povoam o olhar do tratador quando em interação com o animal, condição fundamental e legítima para “avaliação” da saúde e bem-estar no cativeiro, espaço no qual os profissionais entram em interação com diferentes espécies. Assim, aponta-se o bem-estar animal como relacionado a aspectos experimentais, além disso, as formas de socialidade entre diferentes espécies que compartilham recintos demonstra que a intersubjetividade não é uma condição limitada aos humanos (MADDEN, 2014), o que contribui para se pensar as possibilidades de “respostas” animais, colocadas nos termos de Derrida (2002).

As visitas para a limpeza dos recintos pelos tratadores segue a perspectiva intersubjetiva que considera os pontos de vista, os olhares e as sensibilidades humanas e não-humanas em relação ao longo do tempo de convivência, pois o tratador, ao posicionar-se na espacialidade do recinto que adentra, precisa exercer através do “trabalho da memória” (BOSI, 1994) a

comparação entre o presente – “o estar ali”, ou ainda, o estar *com* o outro - e as suas experiências passadas junto àquele animal, considerando, obviamente, as sucessivas aproximações e distanciamentos espaciais em relação a ele. Em uma conversa, o tratador Gelson destacou um dos aspectos de seu trabalho, voltado à constituição de parâmetros que objetivam acompanhar a saúde do animal:

Tipo a gente, tratador, é um observador do que acontece (...) é observador, assim, tipo de olhar deles, assim, de quando tem um animal doente; quando tem um animal triste a gente observa e passa pros técnicos. Leva pra eles, aí eles vêm olhar o que é, e tal. Nesse caso a gente é responsável, o tratador, ele tem que reparar também isso, o comportamento, como é que eles estão, se eles estão... O comportamento onde ele tá... Tá um pouco debilitado aí eles mudam né... Ah eles chegam a mudar sim de comportamento deles. [14/09/2015].

Foto 2 – tratador no recinto do peixe-boi.



Fonte: Acervo Matheus Silva (2015).

O olhar do tratador move-se nas zonas limítrofes próprias às dicotomias modernas, que fundamentam a concepção das esferas autônomas entre natureza e cultura, e, por isso, legitima o conhecimento produzido e ligado ao biopoder – que encarcera o vivo e atua sobre ele, mediante dispositivos de controle do seu bem-estar. A partir das avaliações sensíveis do tratador, o animal em cativeiro é submetido ao olhar técnico e analítico da biomedicina animal que interroga a sua sintomatologia, a fim de que sejam tomadas de decisões sobre o seu manejo. O auxílio pode ser oferecido no interior do próprio recinto, ou dependendo de suas condições, ser destinado ao tratamento na área de quarentena.

Através de uma relação visual recíproca, se estabelecem laços sutis entre humanos e não-humanos que permitem a aproximação/distanciamento de ambos, indicando intenções e sentimentos. A percepção, por parte do profissional, de sinais indicadores de doenças e/ou danos em suas vitalidades, bem como a contínua observação sobre as sucessivas irritações a que estão suscetíveis, são formas interpretativas de (re)conhecer a diferença não-humana. Note-se que, por vezes, o stress animal pode estar associado, entre outros fatores, à própria localização do jardim zoológico, situado nas

proximidades de uma avenida movimentada e ruidosa em meio urbano, além da inadequação dos espaços pelo excesso de animais em um mesmo recinto. Sendo assim, o conhecimento produzido nas trocas de olhares com os animais, associado à percepção de seus comportamentos está embasado em aspectos da própria subjetividade dos tratadores, no transcorrer de suas agências ligadas aos manejos da fauna, contribuindo, portanto, para as possibilidades de maximização do bem-estar animal em cativeiro.

Comensalismo, ou o ato de servir o outro

Um componente central dos encontros entre humanos cuidadores e não-humanos cativos é a alimentação diária, período em que as distintas temporalidades não-humanas agenciam-se aos fluxos de materiais humanos, configurando o campo relacional (INGOLD, 2000) entre os viventes (DERRIDA, 2002), mediante a ação comensal. A alimentação enquanto ato, decorre de um processo complexo que une em separado as coletividades humanas e não-humanas no zoo. O exercício paciente de preparar o alimento na cozinha, de acordo com as especificidades da vida animal (respeitando balanceamentos nutricionais, periodicidade alimentar, entre outros), segue um ritmo de horários que repercute nas gaiolas: o período de preparo segue a rítmica do tempo humano – uma projeção temporal que determina a hora em que o animal precisa comer.

O tratador a partir de seus preparos básicos de corte, cozimento e distribuição, que posteriormente se concretizam com o ato de “repartir” da mesma fonte nutritiva as porções entre os animais, envolve-se, desta forma, na temporalidade animal, pois os seus atos, desde o preparo até a entrega, vibram no relógio biológico animal e desdobram-se nas socialidades animais inter e intraespecíficas. Os macacos pregos, por exemplo, a partir das 9 horas já esperam ansiosos o horário da alimentação, movimentando-se de um lado para o outro da gaiola. Com a aproximação do tratador que desponta com seu carrinho de mão trazendo o aguardado alimento, os quatro primatas movimentam-se ainda mais agitados. As duas fêmeas, hierarquicamente dominantes sobre os dois machos, controlam o acesso aos alimentos.

A alimentação levada aos animais, e disposta nos recintos pelos tratadores em certos suportes materiais, produz o agenciamento de condutas entre os não-humanos, visando ao deslocamento até a bandeja a fim de comer. Os animais não precisam “caçar” seus alimentos, conforme as representações e imagens relacionadas às suas ambiências em contextos “naturais”. A disposição do plano alimentar é estabelecida através de reuniões entre tratadores, médicos veterinários e biólogos, considerando o “histórico alimentar” para a avaliação de mudanças que podem ocorrer – entre outros fatores ressaltamos as suas condições de vitalidade, ou mudanças climáticas que afetam o comportamento animal. Sobre as orientações que ordenam a alimentação, o tratador Elinaldo tece a seguinte narrativa:

O primeiro assim, a determinação deles praticamente é que a gente alimente primeiro as aves, todinhas elas, os macacos e o peixe boi, logo cedo por volta de sete e meia, oito horas (...) aí depois a gente vem

pros outros, a gente vem pra cá, os jabuti, aí tem os jacaré, tem coruja, tem poraquê, tem os que ficam lá atrás na quarentena. Aí assim, a gente vai fazendo, aí, por exemplo, eles aqui, as aves é colocado cedo... Tem vezes que é colocado duas vezes no dia, depende da alimentação que chega pra gente né, é colocado duas vezes ao dia de manhã até o meio dia [...] por volta de meio dia, onze e meia. E sendo colocado aí meio dia, aí, é essa nossa rotina. E também a questão do peixe-boi que a gente tem que sair daqui de dentro do parque de segunda, quarta e sexta pra ir buscar o capim para ele, que ele só come capim de fora, e também não é todo capim que ele consome, do outro lado lá que, e colocado para ele, o capim, e fora que não só o capim que ele come, peixe-boi: batata-doce, jerimum, maxixe, feijão verde... O feijão verde, o pepino, chuchu, melancia e... A couve que é colocada pra ele, como foi colocado pra ele. [02/12/2014].

Quanto ao regime alimentar dos animais destaca-se o balanceamento e a organização diária, relacionados ao processo de preparo na cozinha e a sua distribuição nos recintos nos horários planejados, procedimentos engajados nas distintas temporalidades, como deixa claro o tratador Gelson quanto à execução da rotina alimentar:

Tem uma alimentação assim diária, o peixe-boi tem que ser capim todo dia, pela tarde é legumes né; pela manhã capim e pela tarde legumes pra ele, aí todos os dias, todos os dias é tem que ter, já esses aqui também é todo dia, todo dia, esses aqui que já ficam um pouco, um dia sim, um dia não, tartarugas e jabuti (...) aí preparo tudinho, aí vem ração, camarão, aí banana, faz lá que é misturado, aí tem um outro lado que é a carne, o fígado, bucho, tudo entra fazendo, assim, pré-cozido, pra vim pra eles como pra cá como pra li pra frente. A ração também vai pra lá, couve, o alface, batata-doce... Feijão de corda, tudo é cortado, tudo feito de acordo como eles comem, o tamanho também. Não pode jogar lá de qualquer jeito. [14/09/2014].

Em outro dia, durante o processo de alimentação no recinto das tartarugas, a partir de um diálogo com o tratador Elinaldo sobre as atividades que realizava, comentou:

É, tem que ter um cuidado, a gente tá aqui dentro, é jogado três alfaces pra eles, três, é jogado ali, é jogado aqui um pouco porque tem umas que não vão para lá ó, aí elas ficam esperando aqui, aí do outro lado lá já, elas ficam esperando.

Tem umas que não vem mesmo, né!?

Tem umas que não vem pra cá, aí tem que jogar! Elas ficam do outro lado lá (...) é aonde eles ficam esperando a comida deles (...) Eles já sabem... É local estratégico, praticamente onde eles comem. Oh! Estão aqui em baixo esperando aí. [07/01/2015].

Foto 3 - Tratador alimentando as tartarugas no local "estratégico".



Fonte: Acervo Matheus Silva (2014).

A temporalidade compartilhada no cronograma de alimentação, observada nas narrativas anteriores, aponta para táticas relativas ao comportamento do animal, que agencia seu deslocamento pela espacialidade do recinto, imputando ao tratador uma "negociação" de sentido a partir das interações que produzem formas simbólico-práticas que interferem no próprio movimento dos tratadores nos espaços das instalações do jardim zoológico, associados à configuração conjunta de "locais estratégicos" para obter o alimento. Sobre os locais, alude Moisés:

E os locais assim que vocês colocam...

Ainda são perto da onde estão os bandos, né, bandos de patos ali, as araras ainda são nos viveiros, teve um tempo que nós colocávamos em alguns lugares afastados do bosque, porque os macacos desciam, mas já faz uns quatro anos que isso não acontece à gente, só coloca mesmo aonde se localizam os bandos, patinhos, guará, arara, nos viveiros fechados, jabuti também, (...) localizado. [29/01/2015].

No caso de um recinto onde ocorre o convívio entre diferentes espécies animais (duas espécies de jabutis, araras, garças e guarás), a repartição do alimento implica socialidades com os tratadores – os animais se aproximam – e entre si compartilham os alimentos preparados e servidos em bandejas de alumínio e plástico, espalhadas pelo recinto: no chão para os animais terrestres e sobre suportes de madeira para as aves. Outra interação curiosa entre não-humanos se dá pelo "roubo" de comida pelos grupos de micos de cheiro nesse mesmo recinto, exigindo dos tratadores que disponham de mais alimentos para a promoção do comensalismo dos coletivos de não-humanos.

Foto 4 - "Roubo" e invasão de micos de cheiro.



Fonte: Acervo Matheus Silva (2014).

A socialidade entre tratadores e animais se delinea nos engajamentos dos organismos entre si e com a ambiência (INGOLD, 2000), de maneira a configurarem as paisagens coexistenciais interespecíficas do Bosque, quando as percepções e habilidades dos coletivos não-humanos se manifestam nos processos de interação simbólica com os humanos (INGOLD, 2012; IRVINE, 2012).

Cuidados e bem-estar animal no Bosque

As socialidades efetuadas no "Bosque" apontam ainda para as transformações nas atitudes humanas em relação às paisagens ao longo do tempo na *urbe*. Sendo assim, tais modificações envolvem mudanças que afeta(ra)m diretamente o bem-estar animal, uma vez que as noções de natureza e as imagens a ela vinculadas - conexas às dinâmicas do imaginário urbano - variam ao longo do tempo, sendo historicamente marcadas pela ambivalência das relações de distanciamento e de aproximação em termos físicos, sociais e simbólicos entre humanos e não-humanos na metrópole amazônica, implicando a própria sobrevivência do animal nos viveiros. Nazaré, a médica veterinária que atua junto ao zoo pontuou⁵:

O bosque inteiro foi criado num outro imaginário. Na época que esses recintos foram construídos o que se visava? Visava o público, né. O que seria bonito pro público? Quanto mais próximo o público estivesse do animal, melhor. Então tu observa que até a área de segurança que o público se aproxima do animal é menor. É muito pequena em relação ao visitante, ao animal, essa proximidade. Então, o objetivo na época era essa proximidade realmente. E a única coisa com que se preocupou era o visitante. E quanto mais próximo pro visitante melhor seria. Mas em momento nenhum ninguém se preocupou, naquela época, cem anos atrás, o quanto isso estressaria o animal, né. O quanto seria maléfico pra ele. E a legislação foi mudando, as pessoas foram se aperfeiçoando,

⁵ Os trechos apresentados sequencialmente, foram retirados de uma entrevista com a Médica Veterinária Nazaré em 17/11/2014.

e aí chegou o momento de dizer assim: “não, o que importa hoje não é o humano, é o animal que tá em cativeiro”.

O “estresse animal” é propiciado por uma multiplicidade de agentes que atuam sobre os seus comportamentos, entre eles, poderíamos destacar as reduzidas atividades realizadas no cativeiro, seja pelo limite do recinto devido à ausência de materiais (brinquedos, redes, ou plataformas de madeira) que permitam a organização das atividades de manejo do animal; a “previsibilidade” de algumas situações, a exemplo da busca por alimentos, demandando esforço mínimo do animal; o público com seus aspectos distintos de interação – envolvendo atitudes diversas diante do animal -; a variação das condições climáticas; a presença dos próprios tratadores que contribuem para a normalização dos comportamentos observados e, finalmente, as enfermidades suscitadas pela infraestrutura (irregularidade nas cercas, bandejas de plástico e outros materiais) que impossibilitam o estímulo de outros comportamentos animais diante dos rotineiros contatos com os humanos. Sobre a lotação e inadequação dos recintos, Nazaré afirmou o seguinte:

Tá aqui, os psitacídeos (...) a família que pertence aos papagaios, periquitos. Então, pequenos, que seriam os periquitos, como se tivesse um recinto de periquito: tem que ser no máximo duas aves por metro quadrado. Os médios que são os papagaios, por exemplo, tem que ser duas aves pra cada cinco metros quadrados. Então... com as dimensões do nosso recinto atual, e eu acho que comportaria no máximo três aves lá dentro, no máximo, pra não ficar sobre... Nós temos cinco hoje, tinham seis e morreu. Então... A gente vai ter que fazer algum tipo de adequação.

Os animais apresentam comportamentos diferenciados em situações de desconforto, principalmente pela multiplicidade de agenciamentos efetuados no ambiente, resultando, assim, em aspectos que afetam desde o apetite até suas capacidades reprodutivas no recinto. A partir da introdução de certos agentes que não estariam presentes no espaço cotidiano dos animais, busca-se uma ampliação das atividades animais e estímulos de comportamentos não miméticos com os humanos, como a prática de forrageamento para dificultar a obtenção de alimento, visto que este é servido de forma direta em uma bandeja. A médica veterinária cita alguns dos tratamentos agenciados quando são constatadas situações de “estresse” no animal:

(...) a visão que animal em cativeiro tem que aproximar tudo, não só ambiente, mas tudo que se insere naquela situação do animal, o mais próximo possível do que seria do ambiente natural. Então é um cativeiro o mais possível do ambiente natural. Incluindo enriquecimento ambiental, galhos, cheiros diferentes né, alguns brinquedos pra ele se distrair. Por que a tendência de animais em cativeiro é que eles fiquem obesos. Por que é espaço restrito, alimentação à vontade, ele faz pouco exercício físico. Então a tendência é a obesidade. E a obesidade também acarreta alguns problemas de saúde. Então a intenção é mudar isso. Entra o enriquecimento ambiental, entra o enriquecimento alimentar, que essa comida começa a não ser ofertada de uma forma tão fácil. Por exemplo, a banana é com casca. O macaco tem que descascar pra

comer. A carne pro leão, pro tigre, pra onça ela é escondida pra que estimule a caça. Que ele vá procurar, que vá pelo cheiro. Isso são artimanhas pra se estimular esse animal em cativeiro e enriquecer um pouquinho a vida dele lá dentro.

Vocês fazem aqui também isso?

Aqui a gente tenta fazer um pouco disso. Começou com os primatas, com os macacos pregos. Tinha uma época que eles estavam extremamente estressados por outra situação de recinto. Que o recinto é inadequado ainda. É um recinto hoje, que pelas dimensões, pela legislação ele deveria ocupar... Deveria ter um casal e um filhote lá dentro. E hoje nós temos quatro adultos ocupando esse espaço. Então é um muito pequeno pra eles. É um recinto muito próximo da população. E a população aos finais de semana acaba jogando objetos, tirando fotos com flash, né. Justamente nessa tentativa de se aproximar do animal de uma forma errada (...). Contato, chamar a atenção, isso é extremamente estressante pra eles. Então a gente começou a ter um problema muito grande que foi o de fuga. Fugas constantes e fugas perigosas, que são animais que, quando estressados, eles atacam. E a gente tinha no parque no momento crianças, né, idosos, então a gente se preocupava muito com isso.

Nazaré segue as suas ponderações acerca dos problemas que envolvem as relações entre humanos e não-humanos, no caso, os macacos pregos com os visitantes e indica táticas de beneficiamento de seu bem-estar visando o enriquecimento ambiental:

Infelizmente o recinto é inadequado, é. O público continua mal educado, continua. [...] No momento tava cheio de gente, aí fiz um textozinho lá sobre musicoterapia, coloquei na frente do recinto, coloquei uma estagiária pra me ajudar, coloquei meu computador e as caixinhas de som. E foi impressionante o quanto eles mudaram de comportamento. Realmente, foram músicas que tranquilizaram os animais. Em outros momentos sem a música eles ficavam estressados, jogavam comida nos visitantes, tentavam perfurar a grade pra fugir. E nesse primeiro dia de trabalho eles ficavam tranquilos, faziam o trabalho de catação um no outro, isso também transmite um pouco de tranquilidade. E foi uma situação assim tão inusitada que o próprio público visitante estranhou. Nossa, eles estão tão calmos, e geralmente estão estressados, tão gritando, tão jogando comida na gente. Aí isso é gratificante. Sabe, você entender que realmente aquilo deu um retorno, que pelo menos por uma hora ou duas horas, que seja, de música que você faça com aquele animal, mas que isso já mudou um pouquinho do dia dele, né. Daquela loucura que é ficar dentro de um ambiente de cativeiro.

As práticas empregadas pelos tratadores, médicos veterinários e biólogos corroboram para a ampliação da qualidade de vida do animal em cativeiro, aludindo a técnicas de enriquecimento ambiental (BLOOMSMITH, 1991) e alimentar, de modo que introduzem elementos que variam desde a música, colocação de elementos como redes e cordas (também para os macacos pregos) e à promoção de relações sociais, que não acentuem em demasia a assimetria danosa com os não-humanos em cativeiro, visando seu bem-estar.

Acidentes, clima e quarentena

As condições climáticas e o regime pluviométrico variáveis produzem grandes impactos na economia dos tratos e dos cuidados a serem realizados, pois os animais sofrem sensivelmente com alterações ambientais, tais situações podem acarretar episódios de acidentes envolvendo-os.

Há uma notável proliferação de viventes não-humanos, tais como fungos, sementes e frutos (castanholas, açaí, mangas, entre outros), que são potenciais agentes ecológicos de doenças e desequilíbrios no regime alimentar, distribuídos principalmente pelo vento, flora (a exemplo de árvores com galhos de curta podagem) e pelos animais⁶, ao longo da paisagem do Bosque. As suas agências ocasionam sucessivos impactos à saúde animal, necessitando-se realizar ações práticas sobre os regimes alimentares da fauna em cativeiro, demandando, por exemplo, a introdução de vitaminas a fim de suprir carências e fortalecer os organismos dos animais afetados. Além disso, o “excesso” de sombreamento provocado pelas árvores provoca impactos também sobre regulação da umidade, afetando as formas e estratégias sociotécnicas voltadas à conservação da fauna em cativeiro. O diálogo que segue com a veterinária é ilustrativo para se compreender o papel das mudanças climáticas e comportamentais no contexto do Bosque:

Até mudança climática, isso influencia muito? É isso, digamos, essas mudanças de chuvas, né, no final do ano. Eles apresentam outro comportamento (...) As aves, geralmente em períodos... O bosque. Belém é um lugar muito úmido de uma forma geral, e aqui quando começa o período chuvoso a gente tem muitas árvores, também, frondosas. Então, a umidade acaba aumentando muito, as aves começam a desenvolver problemas respiratórios, tem muita presença de fungo. A gente procura fazer as podas periódicas, que é pra abrir em cima do recinto. Isso é até uma exigência do IBAMA, pra que entre mais luminosidade, pra tentar minimizar isso, mas vez ou outra, ainda acaba acontecendo. Então, a gente acaba tendo muito problema respiratório. Com preguiça [espécie de vida semi-livre no Bosque], na época de chuva elas acabam caindo muito. E, também, o órgão-choque da preguiça é o pulmão! Quando elas, por algum motivo, debilitam um pouquinho, já desenvolvem pneumonia, então a gente tem que ficar muito atento a isso. No peixe-boi, em relação ao peixe-boi, como o tanque dele é muito próximo à Almirante Barroso, e é um animal que tem a audição extremamente sensível, ele sofreu demais na época do BRT [refere-se ao período de construção do modelo de transporte coletivo de média capacidade]. Muito! Tinha dias que eu dizia: “de hoje ele não passa”. Por que ele ficava extremamente agitado, de um lado pro outro, de um lado pro outro, e subia e baixava enquanto aquelas máquinas estavam trabalhando ali na frente.

⁶ Em um passeio pela área do Bosque com Moisés, dialogamos sobre a importância dos animais no processo de dispersão e conservação da flora e, conseqüentemente, da conservação da própria fauna. Ele falou dos micos de cheiro que derrubam ou transportam sementes das árvores (aludidas anteriormente) no ato do comensalismo.

Em decorrência do clima ocorrem alterações no distanciamento e na visibilidade de agentes não-humanos de vida semi-livre no "Bosque". Algumas notáveis "ausências" sazonais do campo visual dos humanos são dos chamados macacos-de-cheiro, que figuram, normalmente, em sucessivos encontros no interior e no próprio entorno do zoológico, com os passantes, principalmente nos horários em que há uma demanda maior de circulação de alimentos, por volta das dez da manhã e às quatro da tarde.

Algumas dessas imagens são evocadas no diálogo com o tratador Moisés:

E nesse período de chuva, assim, você falou que muda a dieta também deles...

É, esse período de chuva agora já tá, muda um pouco em relação aos viveiros externos: nos casos dos patos verifica a comida é, é, ela é posta bem mais cedo para eles tentarem aproveitar, da feita que chove à tarde, inunda tudo e ninguém come mais nada.

Então a gente também precisa de comedouros fechados, locais estratégicos pra isso, é o que a gente já observa também, oh! Percebeu?! A gente já não tem visto mais macaco-de-cheiro aqui! Antigamente descia aos "milhares" e ficavam aqui, ficavam gritando, esse horário agora. Por que não tem mais? Porque a gente tá em época de frutificação de árvores: açaí, manga, pupunha, taperebá, tucumã, tão tudo florescendo, tão tudo dando, tudo dando alimento. Então eles já, se não, eles estão todos aqui no bosque, mas estão tudo atrás, de vez em quando eu vejo uma manga caindo. Uma manga despencando, são eles que estão comendo. Aí, como têm em abundância eles já sabem que tem aqui, aí mais ou menos aí... No período de, de maio, julho eles vão começar a descer de novo, eles vão procurar, não tem mais onde achar (...) Uma outra preocupação, também, porque é uma nova demanda de alimentação, é mais comida, mais banana, mais mamão (...) Hoje as araras já comem mais tranquilamente porque eles não estão atacando, mais nesse período aí, a gente tem que colocar tanto alimentação para eles quanto para as araras, senão eles roubam toda comida! Aí não tem como comer. Aí, a arara tem que descer para comer com o jabuti, batata-doce... Então tudo isso, né! É uma época que contém açaí, eles comem açaí com as araras, açaí para os papagaios. Conforme a fruta da época, também animais comem, silvestres. [14/01/2015].

Outra demanda suscitada pelas modificações climáticas envolve o fato de que animais doentes ocupam, de forma mais frequente, a área destinada à quarentena, local onde são isolados em jaulas com seus respectivos dispositivos de cuidado, necessitando de atenção redobrada. A quarentena fica sob estrita supervisão de tratadores, biólogos e médicos veterinários. Conforme o tratador Gelson:

O senhor tem um, é algum período no ano, digamos que enche mais a quarentena? Tem algum período que o senhor percebe no ano que a quarentena fica mais cheia?

É pelo inverno, é! Aí a quarentena enche de animal doente.

E fica por lá mais os de vida livre, ou os que ficam no recinto, assim, que o senhor percebe mais?

É, no recinto, os de vida livre, algum macaquinho, algum pássaro cai, né. Aí tem que pegar por causa da chuva, né, tem que levar pra lá pra... Cuidar, botar eles na estufa, tem que tá em estufa pra se recuperar. [17/01/2015].

Foto 4 – animais na quarentena.



Fonte: Acervo Matheus Silva (2014).

A proximidade cotidiana do tratador com o animal, no interior do recinto, exige uma frequente atenção para evitar os acidentes e “descuidos” no local. As entradas costumam ser com cautela, observando a posição do animal no recinto e analisando como estabelecer o contato a partir de seus gestos e movimentos, com o equipamento de acordo com a sua tarefa (pratos, remédios, varas, entre outros), mesmo os menores e sutis podem configurar uma “ameaça” para o animal, colocando a vida do tratador e do animal em constantes riscos. Ao entrar no recinto habitado por jabutis, para servirem a alimentação, os tratadores olham para o chão para não pisarem nos animais ou tropeçarem neles. Sobre episódios ocorridos no “Bosque”, ligados a acidentes na paisagem de trabalho, os tratadores relataram:

E esse tempo que o senhor tem aqui já, o senhor teve alguns outros problemas, assim com algum outro animal, seja de ele atacar (...). Já, sim. Teve sim, uma vez eu tava lá no [...] No coreto tinha um gavião real, dois gaviões reais, lá eu estava com eles aí um me atacou, me atacou, aí eu... Porque a gente entra, sempre bom prestar atenção né, porque eu falhei, falhei assim [...] mais depois fui no médico, melhorei, voltei e continuei fazendo meu serviço, não fiquei com medo. [14/09/2014].

Em outra visita Moisés narrou:

Uma vez eu tava tratando dum animal (...) que é um macaco bem pequeno, e... para ele não fugir, eu tive que segurá-lo, como tive (...) condições de segurar ele de maneira adequada, ele virou a cabeça e mordeu a minha mão, o dente dele cravou a minha mão todinha. Então, quer dizer, é o risco que a gente corre todo dia, ser mordido por macaco prego, quati, ser atacado por um tucano como já tiveram pessoas aqui, a própria bióloga já foi, já teve a cabeça furada por um tucano aqui

dentro. O biólogo, também, e... Outras pessoas já tiveram vários ferimentos de papagaio... O papagaio vem e corta o dedo, então esses riscos são costumes, quer dizer, até serpentes que tem aqui: são jiboias, algumas pessoas já foram mordidas também pela jiboia (...) também, quando elas aparecem aqui no parque, na verdade nós temos jiboias, (...) nós temos jiboias, não em viveiros. [29/01/2015].

Nota-se que os riscos enfrentados pelos tratadores advêm de seu acesso diferenciado, quando se pensa nas pessoas que visitam o zoo, em relação aos animais nos recintos. Os riscos pela passagem dos gradeados que, *a priori*, "separam" os humanos dos animais, é inerente à sua profissão (ESTABANEZ, 2010), assim como a afetividade cotidiana nutrida no tempo compartilhado com os não-humanos.

Considerações finais

A experiência cotidiana dos tratadores no Bosque Rodrigues Alves implica visitas e interações *com* os animais nas ambiências dos recintos que, de acordo com a tarefa em questão, é efetuada mediante o estabelecimento da distância física e simbólica necessárias, posicionamentos que devem ser adotados ao entrarem em contato com os animais. Ao cruzar as grades, as interações envolvendo fluxos de sentidos, gestos, toques e olhares *com* os animais, permitem aos tratadores exercerem o cuidado atenciosamente (apoiados por biólogos e médicos veterinários), a fim de proporcionarem a conservação e o bem-estar em cativeiro.

Ao deambularmos pelo "Bosque" com os tratadores acompanhando sua labuta, foi possível observar a construção de conhecimentos e técnicas que constituem suas profissões, os quais são empregados no manejo animal em um espaço permeado por riscos e acidentes nas interações, que acentuam as desigualdades na dinâmica social com os não-humanos, notadamente pelo poder sobre a vida animal (parâmetros de saúde e bem-estar) e devido à ampliação de suas habilidades de interação com a paisagem, descritas nas técnicas de enriquecimento da vida "selvagem", visto que esta se encontra diariamente sob a observação humana, caracterizando as ambivalências na coexistência dos coletivos de humanos e não-humanos.

Os laços e relações interespecíficos, sobretudo aqueles constituídos por tratadores e animais no "Bosque", a partir dos itinerários tratados neste artigo, forçam-nos a pensar nas possibilidades de encontros com os animais no zoo, através dos dispositivos de observação e representação (a rede de elementos que compõem os materiais e os espaços dos recintos, constituindo o cenário de atuação animal), desdobradas nas percepções acerca do "outro" que evidenciam a construção da imagem do animal, necessariamente produzidas na co-presença humana nas paisagens do Bosque.

Bibliografia

- BARATAY, E.; HARDOUIN-FUGIER, E. 2002. *Zoo: A History of Zoological Gardens in the West*. London: Reaktion Books.
- BERGER, J. 2009. *Why look at animals?* London: Penguin Books.
- BOSI, E. 1994. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras.
- BLOOMSMITH, M. A. BRENT, L. Y.; SCHAPIRO, S. J. 1991. Guidelines for developing and managing an environmental enrichment program for non-human primates. *Laboratory Animal Science*, v. 41, pp. 372-377.
- BLOOMSMITH, M. A.; BAKER, K. C. 2001. Social management of captive chimpanzees. In: BRENT, L. (Org.). *Care and management of captive chimpanzees*. San Antonio: American Society of Primatologists.
- BROOM, D. M.; MOLENTO, C. F. M. 2004. Bem-estar animal: Conceitos e questões relacionadas - revisão. *Archives of Veterinary Science*, v. 9, pp. 1-11.
- CERTEAU, M. de. 1998. *A Invenção do Cotidiano: Artes de fazer*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Vozes.
- DAWKINS, M. S. 2004. Using behaviour to assess animal welfare. *Animal Welfare*, v. 13, pp. 3-7.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. 1997. *Mil Platôs. V. 4*, São Paulo: Ed. 34.
- DERRIDA, J. 2002. *O animal que logo sou*. São Paulo: UNESP.
- DESCOLA, P. 1998. Estrutura ou sentimento: a relação com o animal na Amazônia. *Mana*, v.4, n.1, pp. 23-45.
- ESTEBANEZ, J. 2010. Ceux qui sont proches: les soigneurs au zoo. *Sociétés*. v.2, n. 108, pp. 47-57.
- _____. 2008. Les jardins zoologiques ou l'exotique a porte de main. *Le Globe*, n. 148, pp. 49-67.
- FAVRET-SAADA, J. 2005. "Ser afetado". *Cadernos de Campo*, v. 13, n. 13, pp. 155-161.
- HOSEY, G.; MELFI, V. 2012. Human-Animal Bonds Between Zoo Professionals and the Animals in Their Care. *Zoo Biology*, v. 31, pp. 13-26.
- INGOLD, T. 2000. *The Perception of the environment: essays on livelihood, dwelling and skill*. Londres: Routledge.
- IRVINE, L. 2012. Sociology and anthrozoology: symbolic interactionist contributions. *ANTHROZOOS*, v. 25, pp. 123-137.
- LASHER, M. 1998. A relational approach to the human-animal bond. *ANTHROZOOS*, v. 11, n. 3, pp. 130-133.
- LATOUR, B. 2005. *Jamais Fomos Modernos: ensaio de antropologia simétrica*. São Paulo: Editora 34.
- MADDEN, R. 2014. Animals and limits of ethnography. *ANTHROZOOS*, v. 27, n. 2, pp. 279-293.
- MARVIN, G. 2008. L'animal de zoo: Um rôle entre sauvage et domestique. *Techniques & Culture*, v. 50, n.1, pp. 102-119.
- PÉTONNET, C. 1982. L'Observation flottante: l'exemple d'un cimetière parisien. *L'Homme*. Paris, v. 22, n.4, pp. 37-47.
- RANDLER, C. et al. 2007. Urban park visitors and their knowledge of animal species. *ANTHROZOOS*, v. 20, n. 1, pp. 65-74.

- SILVA, H. R. S. 2009. A situação etnográfica: andar e ver. *Horizontes Antropológicos*, n. 32, pp. 171-188.
- SIMMEL, G. 2005. O estrangeiro. *Revista Brasileira de Sociologia das Emoções*, v. 4, n. 12, dezembro.
- SUSSEKIND, F. 2014. *O rastro da onça: relações entre humanos e animais no pantanal*. Rio de Janeiro: 7letras.
- THOMAS, K. 2010. *O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais, 1500-1800*. São Paulo: Companhia das letras.
- VELHO, G. 1994. O antropólogo pesquisando em sua cidade: sobre conhecimento e heresia. In: VELHO, G. (Org.). *O desafio da cidade: novas perspectivas da antropologia brasileira*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- VIVEIROS DE CASTRO, E. 2002. *Inconstância da Alma Selvagem e outros ensaios de antropologia*. São Paulo: Cosac&Naify.